



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Branças são as madrugadas. De olhos abertos com Isabel Meyrelles

Susana Moreira Marques

Para citar este documento / To cite this document:

Susana Moreira Marques, "Branças são as madrugadas. De olhos abertos com Isabel Meyrelles", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 157-177.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# Branças são as madrugadas

DE OLHOS ABERTOS COM ISABEL MEYRELLES

SUSANA MOREIRA MARQUES

— Avó, vem lanchar!

Pôs a mesa sobre uma pedra e manda a avó sentar-se noutra pedra da sua casa no pinhal. Serve bolos em folhas de carvalho cosidas pacientemente com agulhas de pinheiro, e o chá em chávenas feitas de barro que encontrou a escorrer nas paredes de uma mina a céu aberto. A avó jurava que estava delicioso e provavelmente falava verdade. Nada lhe saberia tão bem como o lanche de brincar da neta que tinha à sua guarda.

A tia velava por ela de outra forma. Vigiava-a e não a deixava ficar muito tempo sentada ao piano no alto do penedo. O piano também era de pedra mas trazia-lhe uma música invisível: palavras que ela não conseguia decifrar. Não era que ficasse «triste» ou «melancólica» — essas eram palavras que não conhecia e portanto não as podia sentir. Só anos depois é que começou a saber dizer a impressão que lhe causava a vasta beleza dos campos ao pôr-do-sol.

A tia, com palavras rápidas, percebia que aquilo era uma doença. *Aquilo* — a menina de quatro ou cinco anos só percebeu muito mais tarde — era a poesia:

— Isabel, vem para baixo!

\*

—— Original Message ——

From: Susana Moreira Marques

To: isabel

Sent: Wednesday, April 22, 2009 2:31 AM

Subject: visita Susana

Querida Isabel,

Espero que esteja boa e espero que ainda se lembre de mim. Há alguns meses que tenho tentado contactá-la mas acho que tinha os seus contactos desactualizados. Desta vez, foi o valter hugo mãe que me deu os seus contactos, espero que este *e-mail* funcione e chegue até si.

Eu gostei muitíssimo de fazer os trabalhos para o *Público* — o primeiro sobre a sua escultura, o segundo sobre a sua poesia — e desde aí, fiquei com vontade de a visitar em França e conhecer melhor o seu trabalho e as suas histórias. Gostaria muito de fazer um trabalho biográfico sobre a Isabel, um trabalho mais longo do que os outros e mais aprofundado.

Obrigada.  
Um abraço,  
Susana

On 23 Apr 2009, at 18:30, isabel wrote:

Cara Susana, claro que gostaria muito de a encontrar e contar-lhe a minha vida de fio sem pavio! Dê notícias, um abraço da Isabel Meyrelles

From: Susana Moreira Marques  
To: isabel  
Sent: Tuesday, April 28, 2009 1:43 PM  
Subject: RE: visita Susana

Olá, Isabel,  
Que bom, fico muito contente.  
Que tal Junho? Poderia ir no fim-de-semana de 6-7 de Junho ou uns dias antes ou uns dias depois, como lhe desse mais jeito. Sei que agora já não mora em Paris. Está muito longe de Paris?

Obrigada, um abraço,  
Susana

PS: Estou agora em Portugal, quer alguma coisa de cá? Algum livro ou outra coisa qualquer?

On 28 April 2009, at 19:04, isabel wrote:

Cara Susana, a minha casa fica a 17 km de Paris e pode-se ir a Paris facilmente de comboio. Se vier de avião, venha por Orly, que é perto da nossa casa. A casa é modesta mas temos um quarto de hóspedes suíço, quando vir, compreenderá. Ficarei encantada em vê-la e bater um bom papo. As datas convêm-nos. Ficarei à espera de notícias suas. Um abraço da Isabel Meyrelles e Emilienne Paoli

From: Susana Moreira Marques  
To: isabel  
Sent: Tuesday, May 18, 2009 2:00 PM  
Subject: RE: visita Susana

Querida Isabel,  
Seria possível combinarmos para o fim-de-semana de 20 e 21 de Junho?  
Afinal, é melhor para mim do que o início do mês...  
Aguardo a vossa confirmação, e, se acharem bem, marco já a viagem.  
Um beijinho,  
Susana

On 27 May 2009, at 14:56, isabel wrote:

Chère Suzana, voici les instructions pour arriver jusqu'à notre modeste retraite. Prendre le train à la GARE DE LYON, RER D. Direction Combs la Ville, arrêt Villeneuve St Georges. Quand vous serez dans le RER vous m'appellez sur le portable (laisser juste sonner), je saurai que vous arrivez et nous vous attendrons à la gare.

Amitiés  
Emilienne et Isabel

From: Susana Moreira Marques  
To: isabel  
Sent: Friday, June 19, 2009 12:42 PM  
Subject: RE: visita Susana

Queridas Isabel e Emilienne,  
Só para dizer até amanhã. Chegarei pela hora do almoço.  
Beijinhos,  
Susana

\*

Andorinha que tão bem voas  
para o alto daquela serra  
expressão de Deus  
expressão de Deus  
expressão de Deus

Este foi o primeiro poema que escreveu — antes de saber escrever; antes de saber o que era uma «andorinha»; antes de saber o que queria dizer «expressão»; antes de saber quem era «Deus».

\*

Sábado, 20 de Junho de 2009,

O RER atravessa os subúrbios de Paris. A paisagem vai ficando mais verde e mais forte o cheiro a terra. Chove.

A viagem é tão curta que dá apenas para reparar que me correspondi com a Isabel Meyrelles muito perto do dia 29 de Abril, dia de aniversário dela, e me esqueci de lhe dar os parabéns pelos seus oitenta anos. Dá para folhear a *Poesia*<sup>1</sup> dela, o meu exemplar demasiado sublinhado, mas talvez insuficientemente lido.

\*

Todos os dias, em Matosinhos, se produziam sardinhas enlatadas.

Entre 1914 e 1918, quando na Europa se cavavam trincheiras, o principal sinal da guerra em Portugal era o fumo que saía das chaminés das fábricas. Em Matosinhos, saía também um cheiro a sardinha podre, inesquecível para aqueles que o sentiram. Isto manteve-se durante o pós-guerra, quando Laura Augusta deixou a sua vida em Lisboa e se mudou para Matosinhos, e depois veio a Segunda Guerra Mundial.

Desta vez, o marido, engenheiro da marinha, não embarcou como tinha acontecido na Primeira Guerra. Todos os dias, ele trabalhava mesmo ao lado de casa, na refinaria da Companhia de Açúcar de Angola, e, no entanto, Laura Augusta sentia-se igualmente só.

Até morrer, todos os dias Laura Augusta da Costa Sobral Meireles sentiu o cheiro a sardinha podre.

\*

Vejo a Isabel de trás num ângulo estranho que enquadra o pescoço, a orelha, a armação dos óculos e a corrente pendurada da haste, o cabelo cinzento puxado para a nuca. De vez em quando, vira a cabeça e mostra o perfil.

Consigo perceber que tem as mãos pousadas na bengala. Fala sem gesticular mas está indignada com a confusão à saída da estação e à saída da vila a um sábado à hora do almoço.

Do banco de trás do pequeno carro tenho um bom ângulo para a observá-la sem ser mal educada. A minha primeira impressão é que a Isabel tem um rosto mais suave do que eu me lembrava. Acho que é por ter deixado o cabelo crescer. Quando a conheci, ela tinha o cabelo bem curto, como usou toda a vida. Agora prende o cabelo com um gancho atrás e usa uma bandolete preta. Dá-lhe um ar mais convencional mas também mais acessível.

Todas estas pequenas diferenças que observo provavelmente têm menos a ver com a passagem dos anos sobre a Isabel, a completar oitenta, e mais a ver com a passagem dos anos sobre mim, ao passar a barreira dos trinta.

O que mais me impressionou, mal falei com ela ao telefone para dizer que tinha chegado à estação, foi a voz dela. A voz, sim, é exactamente como me lembrava. Na sua voz com timbre de outro planeta, acrescenta sempre

qualquer coisa e as suas frases têm um fim, como as anedotas têm um fim, ou os poemas.

\*

Os filhos de Laura Augusta nasceram de sete em sete anos, numa aritmética vinda ou do céu ou do inferno, mas não da terra. O primeiro foi João. Maria do Carmo, a segunda. À terceira vez que engravidou, quando faltava pouco para dar à luz, o marido despistou-se a conduzir. O carro enfaixou-se numa árvore da estrada da Circunvalação, uma fronteira tão precisa quanto ténue a separar Matosinhos da cidade do Porto. Laura Augusta foi imediatamente hospitalizada, e continuou no hospital muito depois de a criança ter nascido, a 29 de Abril de 1929.

\*

Quando a conheci, em 2004, quase não havia resultados para «Isabel Meyrelles» no Google. Sabia apenas que ela era «surrealista», a única mulher surrealista portuguesa. Sentámo-nos num café na Rua da Escola Politécnica, perto da Galeria São Mamede, onde acabava de inaugurar uma exposição da sua escultura, e conversámos durante uma hora.

Mais tarde, ao ouvir a gravação da entrevista, era como se estivesse a assistir a um filme que reconstruía um mundo irrecuperável. Via os cafés de Lisboa no final dos anos 40 e inícios dos 50. Via Natália Correia, Mário Cesariny de Vasconcelos, Artur do Cruzeiro Seixas. Mas a personagem principal era uma heroína feminina, de cabelo curto à navalha, de que nunca ninguém tinha ouvido falar. E eu era a única espectadora.

Eu tinha perguntado pelo surrealismo, pelo primeiro grupo, o segundo grupo, os franceses, o 25 de Abril, a vida em Paris, mas não tinha perguntado o que mais me incomodava: porque é que nunca tinha ouvido falar dela?; porque é que o Google não dava mais resultados?; o que é que tinha acontecido ou o que é que não tinha acontecido para que fosse assim?

\*

A bebé foi prontamente mandada para a aldeia de Sendim, na Beira Alta, para ser criada pela avó e pela tia. Só voltou quatro ou cinco anos mais tarde. Irremediavelmente, mãe e filha não se conheciam.

\*

Atraía-me tanto o que me separava da Isabel Meyrelles quanto o que me unia. Como ela, eu tinha crescido em Matosinhos. Como ela, incomodavam-me a pequenez e a falsa moral do Porto. Como ela, eu tinha vindo para Lisboa antes dos vinte anos. E, como ela tinha feito cinquenta anos antes, em 2004 eu sonhava partir para uma grande cidade da Europa.

\*

— Mãe Augusta! — chamava a criança depois de ter aprendido na escola que «Augusta» significava mais do que o nome de baptismo da sua mãe.

Laura Augusta não respondia. Uma vez, a filha até apontou para um livro onde havia não uma «mãe augusta» mas uma «augusta mãe».

Laura Augusta tinha pouco sentido de humor. Não se ria de jogos de palavras, não gostava de brincar de faz-de-conta, e sobretudo, não apreciava a poesia.

\*

Mas a grande surpresa era a poesia. Era a primeira vez, aos 75 anos, que Isabel Meyrelles publicava a sua poesia no circuito livreiro normal. A *Poesia*, organizada por Perfecto Cuadrado, e lançada pelas edições Quasi, juntava quatro livros publicados em edições de autor entre 1951 e 1976, mais uma coleção de inéditos dos anos 80 e 90. Quando o livro saiu, nesse ano de 2004, pouco tempo depois de nos encontrarmos em Lisboa, telefonei-lhe para Paris. Isabel Meyrelles ainda tinha dúvidas: «Talvez [os poemas] devessem ter ficado para mim.» Ao reler a entrevista — em bruto, não o texto que depois foi publicado no suplemento «Mil Folhas» do jornal *Público* — reparei numa resposta curiosa. Perguntei-lhe se ela tinha mais poemas para além dos inéditos que estavam na *Poesia*. E ela respondeu que não, «à parte os que rasguei». Como se os poemas rasgados continuassem a fazer parte da sua vida.

\*

Ó lua que sobes misteriosa  
Venho procurar em ti consolação  
Escuta a súplica dolorosa  
A súplica do meu pobre coração

Se soubesse os seus poemas de cor, ninguém os rasgava.

Ó Mãe, ela está a escrever!  
A menina estude.  
A menina é uma pedante.

Isto não é um poema, mas uma música que ficou nos ouvidos.

Escrever era proibido. E a menina escondia os poemas, escondia que escrevia, escondia todas as palavras que ouvia dentro da cabeça. Secretamente, pensava: quando eu crescer, quando eu tiver a minha liberdade: «eu vou escrever».

\*

A Emilienne indica o caminho para o «*chalet* suíço». Subo umas escadilhas periclitantes. A casa de banho parece de uma caravana.

O quarto — com tectos e janelas inclinados para o céu — é encantador. Está decorado com desenhos surrealistas e objectos de surrealistas: uma chávena com a asa para dentro, de Artur do Cruzeiro Seixas; um cinzeiro com a inscrição: «O que só com as mãos pode ser soletrado», assinado «MVC».

Na mesma estante, três fotografias: uma de Cruzeiro Seixas, contra nuvens, como se estivesse no céu; uma de Mário Cesariny de Vasconcelos, também como se estivesse no céu, porque só no céu se pode ter olhos assim; e uma fotografia de Isabel Meyrelles, nos tempos em que lhe chamavam Fritzzy: muito jovem, o cabelo curto e ondulado, as sobranceiras grossas, e uns óculos demasiado grandes para o rosto, vestida com uma bata por cima de *jeans*.

Deixaram-me um copo de água coberto com um paninho rendado na mesinha de cabeceira. Sinto-me logo bem aqui. Não se ouve barulho nenhum. Não tenho Internet. Desligo o telemóvel. Desligo o mundo.

\*

Ler também era proibido. Como frutos frescos da árvore, os livros roubados sabiam melhor. Quando ia para a cama e todos pensavam que dormia, ela acendia uma lanterna por baixo do cobertor e lia assim, próxima da imolação pelas palavras. Antes de dormir, voltava a guardar o livro debaixo da cama. Um dia, a empregada levantou o colchão, descobriu. Era apanhada muitas vezes. Depois de ter sido proibida de comprar livros, foi proibida de roubar livros. Em Matosinhos, havia duas livrarias, e nas duas já a conheciam. Foi então que começou a ler. O Antero de Quental e o José Régio, foi até os saber de cor. De cor, os poemas não se rasgam.

\*

O almoço é da estação: salada *niçoise*, servida com vinho branco português comprado na loja portuguesa local, mas a Isabel prefere cerveja.

A mesa de comer tem vista para o pátio traseiro e sobre as flores da Emilienne continua a chover.

A Isabel aponta para um canto: ali, está a crescer o primeiro botão da primeira rosa vermelha, e essa roseira é todo o jardim da Isabel. Diz, peremptória, que a única flor de que gosta são rosas vermelhas.

Imagino a Isabel a fumar pétalas vermelhas no seu cachimbo. A Isabel, com uma rosa na lapela, a fumegar vermelho na Brasileira, e todo o café e todos, empregados e clientes, a preto e branco.

«Eu que era tão tímida, não sei como é que fui ficar com essa reputação escandalosa», diz, sem eu ter perguntado nada.

Mas talvez ela saiba melhor do que eu e eu esteja aqui por causa, ainda, dessa reputação. Há quanto tempo foi Lisboa 1949?

\*

Ao Jaime não contava segredos. O segredo era ele. Estar numa barraca da praia com um rapaz era um desafio, uma ameaça: «Se a minha família soubesse o que estou a fazer neste momento, morriam todos».

Também namoravam à janela quando estavam nas quintas no Minho. Ele na varanda como a Julieta, ela no lugar do Romeu, nem descia do cavalo e ficavam a conversar e a fumar, a fumar e a conversar. Depois dizia que era tempo



de voltar porque o cavalo não era seu, mas de um dos pretendentes da irmã. E dava meia volta, acenava, afastava-se a galopar.

\*

Depois do almoço, Isabel Meyrelles vai ao estúdio buscar álbuns, que põe sobre a mesa de onde se levantaram os pratos.

Os álbuns estão cheios de cabeças: a cabeça de Mário Cesariny — que ele mais tarde rachou a meio num acto surrealista —, de José Gomes Ferreira, Carlos Wallenstein, Romeu Correia. Há a cara da actriz Françoise Prévost. Há o busto do irmão João Meireles. Há apenas um corpo inteiro: o de Natália Correia.

Enquanto folheia os álbuns, reparo nas suas mãos, mais jovens do que o resto do corpo. Quase não têm rugas e mexem-se com elasticidade e eficácia, com uma confiança a que o resto do corpo já não obedece. As unhas estão sujas de castanho.

\*

Era no Minho que assistia à desfolhada e aprendia que a poesia não existia somente dentro dos livros.

Faziam-se duas filas sob o sol, o milho no meio pregado à terra. Os gestos podiam ser mecânicos, mas a cabeça não seguia as mãos. As palavras jogavam-se de um lado ao outro do milho, lançavam-se ao solo. Não cresceriam, não se comeriam. Existiam apenas como uma memória de gerações muito antigas e seriam escutadas pelos que viessem depois.

\*

Uma bata branca suja de barro pendurada num bengaleiro e uns chinelos da serra da Estrela sujos de barro por baixo da mesa de trabalho. Por cima, um tampo de mármore sujo de barro.

Sentada na cadeira de escritório suja de barro, Isabel vê, para a esquerda, o pátio, as flores da Emilienne, a sua rosa vermelha quando crescer, e o céu. Em frente, vê um quadro com um poema.

\*

Os rapazes da aldeia, às vezes, cantavam à desgarrada simplesmente para impressionar Maria do Carmo.

A irmã mais nova ficava ligeiramente atrás, *en garde*, numa atitude ao mesmo tempo tímida e corajosa, e via como os rapazes rodeavam a carruagem de Maria do Carmo.

\*

#### JULIÃO OS AMADORES

Já nada temos a fazer sobre a Terra esperemos de olhos fechados a  
[passagem do vento  
dizia eu    dizia eu

que é sobre a missa branca do teu peito que se erguem os palácios rasos  
[de água

no escuro no escuro  
alguém nos levará tocando-nos com um dedo nós trémulos, deitados, sem  
[dizer palavra, morreremos de ter-nos conhecido tanto  
e depois? e depois?

depois o halo de uma fita azul o martelo esquecido sobre a pedra de um  
[sonho

mas os salões? e a casa?  
e o cão que nos seguia?

o teu rosto meu rosto  
este homem alto

o Sol<sup>2</sup>

\*

E Maria do Carmo subia as escadas da Igreja e, conforme se preparava para cortar a fita, o povo ajoelhava-se. E no fim, quando se levantavam, tinham lágrimas nos olhos.

\*

«Já nada temos a fazer sobre a terra — esperemos de olhos fechados a passagem do vento / dizia eu dizia eu / que é sobre a missa branca do teu peito que se erguem os palácios rasos de água / no escuro no escuro», a Isabel recita sem olhar o quadro manuscrito pendurado na parede do *atelier*.

«É um dos poemas mais lindos do Mário», diz, e aponta para uma fotografia a preto e branco na prateleira ao lado: «O Mário quando eu o conheci. Olha para os olhos dele. Havia nele uma magia extraordinária. [Ele] era a poesia encarnada.»

Há fotografias por toda a parte. «Deixa-me apresentar os meus amigos: a Inês Guerreiro<sup>3</sup>, a Natália Correia...»

\*

Foi na casa do Minho que o pai fez uma sala de jogos onde nunca se jogava, decorada com metros de livros que ninguém lia.

Isto foi depois de a mãe morrer. Ela sentava-se sozinha debaixo da mesa de jogo e lia romances que engoliam os fins-de-semanas. Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós devoravam os sábados e os domingos e deglutiam a sua família.

\*

Da esquerda para a direita: Mário Cesariny, Mário Henrique Leiria, António Maria Lisboa e Artur do Cruzeiro Seixas, equilibrados num telhado, como se surfassem Lisboa.

A fotografia dos surrealistas no telhado é tirada do primeiro *atelier* que a Isabel Meyrelles teve. Lisboa 1949.

\*

— E tu, Maria da Lua? Também queres vestidos e casar com um príncipe?

— Eu não, avó... Eu quero aprender a contar histórias...

— Aprender a contar histórias!? Que histórias, Maria da Lua?

— Histórias que tenho na cabeça, avó... Histórias de flores, de bichos, de pessoas... Tenho a cabeça cheia de histórias que não sou capaz de contar... E às vezes estou triste, tenho vontade de chorar...<sup>4</sup>

\*

Isabel abre a porta de um armário para mostrar as esculturas mais recentes. Está quase a terminar uma série encomendada pela Galeria Prates de Lisboa, a partir de desenhos de Artur do Cruzeiro Seixas, à qual chamará «Louvor e Simplificação de Cruzeiro Seixas».

Da prateleira mais baixa tira um carro de salto alto e pousa-o sobre a mesa de trabalho. A peça completa-se, demonstra, com uma pesada bola de vidro verde.

A penúltima peça da série — uma pila de cabelo e nariz compridos parecida com John Lennon — está a secar no meio do *atelier*, coberta por um plástico. A última peça, dentro de uma caixa, é a que terá de ser refeita: uma cabeça com serpentes como tranças que rachou no forno da cerâmica.

Depois, abre o pequeno *dossier* onde estão os tercetos que está a escrever para acompanhar as serigrafias que serão feitas das esculturas.

\*

Quando, um dia mais tarde, conheceu a escritora Fernanda de Castro, disse-lhe que estava viva graças a ela.

Não lhe terá contado os pormenores. Como o mar era hipnótico, como o paredão parecia prestes a ser ultrapassado para sempre.

Ter-lhe-á falado de como foi importante ler a sua história da Maria da Lua. E ter-lhe-á agradecido também a tradução que fez do diário de Katherine Mansfield.

Anos mais tarde, quando leu o diário na tradução francesa, a magia parecia ter-se perdido. Mas naquele tempo — teria uns dezassete anos —, quando ia nadar para a praia de Matosinhos, só com o abismo azul, ela via Katherine Mansfield. KM chamava-a para terra.

\*

1933. Les grossières parois de la source étaient  
sillonées de veines d'argile.

Fascinée, je touche du bout du doigt mon avenir.

\*

Uma mulher inclinada para o violino; uma mulher a mover-se como se o violino fosse outro corpo; uma mulher com todo o corpo a produzir música.

E se fosse possível fixar esse movimento? E se fosse possível fazer com as mãos o amor entre mulher e violino? E se fosse possível esculpir música?

Foi a primeira escultura que fez. Ginette Neveu tinha ido tocar ao Porto e ela foi ver. Nunca tinha visto uma figura tão fascinante.

\*

Estende o dedo. Esgaravata o ar e recolhe o dedo como se sentisse a argila na unha. E faz uma cara de prazer. É o mesmo prazer infantil que sente décadas depois. O barro nas mãos, as mãos a verem nascer coisas.

Houve uma altura, há cerca de um ano, em que as mãos deixaram de saber o que faziam. Acontece. Aconteceu. Agora as mãos recuperaram e trabalham todos os dias o barro, prosseguem o seu destino.

\*

As pessoas dos livros — no Porto, ela pressentia — existiam na vida real. Mas foi só em Lisboa que conheceu pessoas — homens e mulheres — dos livros. Gente que falava de outros livros; que se sentava nos cafés e discutia o mundo entre o fumo.

E estas pessoas queriam conhecê-la; achavam que, também ela, era especial. Em Lisboa, descobriu que ela própria era uma pessoa saída de um livro.

\*

Este terceto foi uma das últimas coisas que escreveu. Ela já não escreve. Quase nunca. A escrita não lhe dá prazer. Não diz se o terceto foi escrito de dia ou de noite.

\*

Depois de expor algumas obras suas em Lisboa 1949, recebeu uma carta que dizia assim: «Não gostámos.» Estava assinado: «Os Surrealistas».

\*

Sáimos do atelier e fazemos um *tour* pelo resto da casa. Isabel vai-me mostrando as suas esculturas espalhadas pela casa e os muitos quadros oferecidos por amigos.

O último quadro que mostra é do escultor Lagoa Henriques: duas figuras recortadas que se beijam à entrada da cozinha. O Lagoa Henriques foi o último amigo a morrer.

«Na minha idade, morre-se muito», diz, e começa a preparar o chá. Vai buscar o bule. É um objecto extravagante, e, como se adivinhasse o que eu estava a pensar, explica: «Uma prenda da minha madrastra. Ela nunca me deu nada e depois um dia deu-me este bule.»

\*

E tinha sido uma decisão unânime, disseram-lhe mais tarde.

Ela nunca tinha ouvido falar de surrealistas nem de surrealismo. Mas ficou logo conquistada.

\*

O Porto que bebemos antes do jantar, garante a Isabel, é no mínimo da idade da Emilienne, talvez mesmo ainda mais velho, da idade da Isabel. Uma vez, a Isabel deu uma garrafa de vinho do Porto, mais velha do que a idade que ela tem agora, ao Henri Michaux. Viviam na mesma rua em Paris, e ela deixou a garrafa no prédio dele na volta de uma visita a Portugal. Quando ele lhe telefonou a agradecer, explicou-lhe que talvez fosse melhor esperar mais um ano ou dois antes de abrir a garrafa. A Isabel ri-se — acha que o Michaux, intimidado, não terá chegado a beber o vinho do Porto.

A Emilienne mostra-me um livro recentemente publicado sobre portugueses em França.

— Estás aqui, Isabel? — pergunto.

— Não.

Está a Luiza Neto Jorge, que quando chegou a Paris, em 1962, foi trabalhar para a livraria de ficção científica da Isabel em *part-time*.

Eu nem sequer sabia que a Isabel tinha tido uma livraria de ficção científica.

\*

«Contra a adaptação do Homem numa máquina de defender pátrias e partidos, propomos a criação do Homem-Asa, do Homem que percorrerá o Universo montando um cometa extremamente longo e fulgurante.»<sup>5</sup>

«5.º que não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico) mas que na e pela Liberdade, Amor e Conhecimento que lhes preside preferimos estes.»<sup>6</sup>

\*

Depois de jantar, senta-se na poltrona da sala de estar; abre a caixa do tabaco, enche o cachimbo; acende; começa a deitar fumo. A noite cercou a casa e a expressão da Isabel mudou.

Põe o cachimbo de lado por instantes para acender uma vela. Com a mão ligeiramente acima da chama, mostra o tamanho original da vela que ela mesma fez. Todas as noites acende uma vela.

\*

Não era o sonho nem a loucura nem o escândalo que lhe interessavam. Interessava-lhe somente a liberdade, que se queria sobretudo interior. Tudo o resto, naturalmente, viria daí. E se fosse sonhadora, louca, escandalosa, e se as pessoas não aprovassem, que lhe importava?

\*

Começamos pelo princípio, pela infância. Ainda antes, pelos pais. Para falar da mãe, precisa de óculos escuros. O resto da noite falo para uns óculos escuros.

\*

Quando não escrevia, caminhava. As noites — brancas, mesmo debaixo das luzes amarelas dos candeeiros da Avenida da Liberdade.

Subia toda a Avenida na companhia das histórias do José Gomes Ferreira. Ele levava-a a casa como um verdadeiro cavalheiro, depois de saírem do café Portugal, onde estaria o Eugénio de Andrade e os amigos que não eram surrealistas. E, quando chegavam a sua casa, ela, como um verdadeiro cavalheiro, dizia que o levaria a casa. E assim caminhavam toda a noite.

\*

Porque a noite é muito luminosa. As noites não são azuis nem negras. Para ela, as noites são brancas. Há noites que são brancas até à madrugada. É nessas noites que escreve poesia.

\*

Era uma mulher belíssima, tinha o fogo na língua, e estava numa festa no *atelier* da artista húngara Hansi Staël. Antes disso ela não sabia que era possível uma mulher apaixonar-se por uma mulher. A poesia regressou. Ela tinha 20 anos. Ninguém rasgou.

\*

Pergunto-me se esta noite será branca. A Isabel pousa os óculos escuros ao lado do cachimbo e retira-se para o quarto. Eu fico um pouco mais na sala como num cenário onde desceu a cortina.

\*

Tudo mudou. Era uma segunda vida. Escreve:

Apenas as rosas vermelhas  
continuam sendo  
umas simples rosas vermelhas.<sup>7</sup>

\*

Domingo, 21 de Junho de 2009,

Depois do pequeno-almoço, o dia rende-se à chegada do Verão, e eu sento-me ao sol no pátio até a Isabel vir à porta:

— O que é que queres almoçar? Queres pastéis de bacalhau com arroz de tomate a fugir?

E, como eu hesito, ela ergue o punho e acrescenta:

— Somos portuguesas ou não somos portuguesas? — e marcha, triunfante, para a cozinha.

\*

Depois começou *Palavras Nocturnas*. Quando acabou o livro, já estava em Paris:

ÎLE ST LOUIS  
Farei do silêncio  
uma proa de barco

da tua ausência um rio  
d'árvores afogadas

\*

Só sobra um pastel de bacalhau. Nem os anos no Botequim, o restaurante que abriu com a Natália Correia em Lisboa — onde preparava um menu luso-francês —, lhe tiraram o gosto à cozinha.

Já não sei como é que fomos parar a Israel. Ela e a Emilienne viajaram por Israel pouco tempo depois da Guerra dos Seis Dias. Pela primeira vez, a Isabel viu muita gente com a cara dela.

\*

Ela não sabia que era possível apaixonar-se por uma cidade tão forte como se fosse uma pessoa. Não foi a visão de Notre-Dame, mas esta ideia de que seria um amor para toda vida que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

Era o primeiro dia em Paris. Tinha acabado de descer na Gare de Austerlitz e tinha-se instalado no hotel com pior aspecto da praça de St Michel. Depois foi passear, até se dar conta de que estava no Sena e perante Notre-Dame.

Deu a volta a Notre-Dame e sentou-se na ponta da Île-Saint-Louis, como se estivesse num barco. Começaria uma viagem, não olharia para trás.

Depois de sair da Île-Saint-Louis, procurou um café. Sentou-se e chorou.

\*

No quarto dela, a secretária está entre a cama e a janela. Levantando-se a meio da noite, pode sentar-se a escrever, a página branca iluminada pela lua.

\*

«I am sitting on a broad bench in the sun hard by Notre Dame. [...] I love this big cathedral. The little view I have of it now is of pointed narrow spines, fretted against the blue, and one or two squatting stone parrots balanced on a little balcony.»

Katherine Mansfield tinha escrito isto muitos anos antes, ainda antes da Primeira Guerra, quando vivia em Paris.

«The view from my window this morning is so tremendously exciting. A high wind is blowing and the glass is dashed with rain. In the timber yard beside the cemetery there are large pools of water, and smoke blows from...

*March 19.* Dreamed about New Zealand. Very delightful. *March 20.* Dreamed about N. Z. again — one of the painful dreams when I'm there and hazy about my return ticket.»<sup>8</sup>

\*

É nas prateleiras do lado direito da secretária que estão todos os livros de poesia que escreveu. Levamos um exemplar de cada para a sala.

\*

Agora, ela vivia na mesma rua onde Katherine Mansfield tinha escrito no seu diário: Rue de Tournon.

O quarto não tinha aquecimento. De manhã, quando acordava, ouvia o crac-crac dos cobertores a estalarem com o movimento do seu próprio corpo. Levantava-se com aquele crac-crac; e por causa desse crac-crac teria frio para o resto da vida.

Guardava as malas debaixo da cama. Tinha trazido três malas de Portugal, duas e meia com livros: o Eça e o Camilo, com quem tinha passado tanto tempo no salão de jogos do Minho, o Antero de Quental e o José Régio, apesar de os saber de cor, e, claro, a KM da praia de Matosinhos e da Rue de Tournon, onde agora vivia.

\*

No sofá da sala, tiro notas sobre cada um dos livros. Sobre o primeiro, editado em 1951, *Em Voz Baixa*, sei que foram feitos 100 exemplares e que fazer esses 100 exemplares custou 500 escudos e sei ainda que 500 escudos correspondia exactamente a metade do que ela recebia por mês de herança da mãe — 1000 escudos. 500 escudos pagavam a renda em Lisboa e outros 500 a mensalidade do restaurante «da faneca», o restaurante ao pé do Largo do Carmo onde todos os dias almoçava e jantava faneca.

Sobre *O Rosto Deserto*, de 1966, apontei que Mário Cesariny era para fazer uma introdução e acabou a publicar um poema seu que a Isabel traduziu para francês; e que as traduções para português dos poemas da Isabel feitas pela Natália Correia foram todas revistas para saírem na recente edição da obra completa, *Poesia*.

Mas para *Palavras Nocturnas*, o segundo, de 1954, o que escrevi nas notas não tem aparentemente nada a ver com o livro:

«Vão às vezes para a costa da Normandia passar o fim-de-semana:

— Já conhecemos os hotéis com janelas. Escolho sempre um quarto de frente para o mar e fico ali a olhar.

— Tens saudades do mar?

— Nem me fales! Foi o único desgosto de deixar Portugal.»

\*

O *Diário* do André Gide tinha vindo debaixo do braço. Tinha sido o último livro que roubou em Portugal e o livro que finalmente a convenceu a partir.

\*

Relendo *Palavras Nocturnas*, lembro-me que conversámos a dada altura sobre a imagem das árvores debaixo de água — «Farei do silêncio / uma proa de barco / da tua ausência um rio / d'árvores afogadas» — e a Isabel disse qualquer coisa como: «Para mim é uma coisa triste uma árvore debaixo de água, é contra a natureza — uma árvore deve estar de pé.»

Em *Palavras Nocturnas*, um «rosto afunda palavras»; há árvores afogadas; há «luzes afogadas»; há «palavras de amor afogadas»; por todo o livro, uma «presença afogada».



*Palavras Nocturnas* começava o ciclo de insónias. Para o resto da vida, a poesia nunca acabaria de vir à superfície.

\*

A Isabel está sentada por baixo da gravura emoldurada do tigre feminino que Artur do Cruzeiro Seixas desenhou para a capa de *Le Livre du Tigre. O Livro do Tigre* foi, como os outros, fruto de uma crise: «Mas uma crise controlada», e por isso é o livro com maior unidade.

Há pouco tempo encontrou um poema que crê ter pertencido ao conjunto do *Tigre*. Não sabe como, mas aquele tinha escapado à destruição. Rasgou-o logo.

Secretamente, eu continuo convencida de que haverá outros — por rasgar.

\*

Demorou dez anos até ter uma casa para aquecer. Para a sua primeira casa, na Rue de Savoie, comprou uma cama, um fogão para cumprir a vocação das Meyrelles, e uma «biblioteca» para salvar os livros das malas.

\*

Este é o poema que, segundo ela, exprime melhor o mistério:

Le poème est-il une enzyme  
produite par l'insomnie?  
La main qui écrit,  
issue d'une mystérieuse porte,  
prémices  
de l'aube à venir?<sup>9</sup>

Mas, para mim, é:

Il advint qu'Iahvé  
voulut éprouver le poète.  
Il lui dit: «Prends un poème  
en vers blancs sans tache  
âgé d'un an au plus  
ton seul, ton unique,  
celui que tu gardes, inconnu de tous,  
dans le secret de ton cœur,  
et offre-le en holocauste  
sur le cendrier que je te dirai».  
Le poète se leva de bon matin  
Et chercha le cendrier propitiatoire.  
[...]  
Alors Iahvé appela le poète por la troisième fois  
et dit: «Par moi-même j'ai juré — oracle d'Iahvé —

que, puisque tu ne m'as pas refusé  
ton poème, ton unique,  
je bénirai et je multiplierai  
le signifiant et le signifié de tes poèmes  
comme les étoiles des cieux  
et comme le sable sur le rivage de la mer».<sup>10</sup>

\*

E agora, verdadeiramente instalada em Paris, podia sonhar com Portugal. Lisboa acontecia de noite. O mar acontecia de noite.

\*

Tomamos chá à mesma hora de ontem. Hoje, chá de jasmin. A Isabel põe muito açúcar em tudo, mas não no chá. Como eu, deixou de tomar açúcar no chá por causa do chá de jasmim.

A Emilienne chega precisamente à hora do chá. Fico a conversar com ela quando a Isabel se retira para a sesta.

Falamos de Lisboa, não 1949, mas 1969. A Emilienne foi para Lisboa ter com a Isabel, que tinha partido um pouco antes e ficaram quase 10 anos. A Emilienne guarda boas recordações: das *soirées* da Natália Correia, onde se encontravam com o Ary dos Santos, o David Mourão-Ferreira e tantas outras figuras fulgurantes.

Mas mal tinha chegado a Portugal, conta Emilienne, a Isabel já dizia: «Não consigo viver aqui».

\*

Para surpresa dela, as noites começaram a escrever-se em francês.

\*

À noite, a outra Isabel. Hoje, sem óculos escuros, mas a mesma expressão velada. E grave, como se o mistério lhe pesasse. Como se ela tivesse, antes de morrer, que descobrir.

\*

O Gide teria compreendido. Não foi fazer o exame — o último, que lhe daria o diploma da Sorbonne. Havia muito deixara de ir às Beaux-Arts, porque fazer arte não tinha nada a ver com copiar e parecia-lhe que era apenas isso que pediam dela na faculdade.

Para a Sorbonne tinha escrito, com gosto, uma tese em que comparava a poesia medieval francesa e portuguesa, mas um diploma, não queria.

O Gide teria compreendido, mas mais ninguém compreendeu.

A família não a tinha compreendido antes e não iria compreender depois. Ela era a filha diferente. Ela era a irmã louca. Seria a tia escandalosa.

\*

Segunda, 22 de Junho de 2009,

A Emilienne saiu cedo, a Isabel ainda dorme. Aproveito para tirar notas sobre a casa, substituto da máquina fotográfica que não veio, começando pela sala. Pousadas nas prateleiras estão fotografias e a minha preferida é uma tirada em Sendim: uma Isabel de 17 anos, com o cabelo impossível de pentear e uma blusa leve com flores, termina o busto do irmão.

Por escolha dela, não haveria nada nas prateleiras para além dos livros.

\*

Quando abriram a porta, ela entrou de biquíni e capacete. Tinha feito França-Portugal de mota. Explicou à família, com a naturalidade de quem fala sobre o tempo — e é verdade que falava sobre o tempo —, que chovia demasiado, e depois de a roupa estar ensopada achou que a solução seria fazer o resto da viagem de biquíni. Tirou o capacete e foi tomar banho deixando atrás de si a família perplexa e uma história para passar de geração em geração de Meyrelles.

\*

No corredor estão biografias, diários e epistolografia. Os diários do Gide, da Katherine Mansfield, e tudo de Tristan Tzara, o «homenzinho de mecha» que ela conheceu nos primeiros tempos em Paris.

Poesia estrangeira, portuguesa, brasileira, romances — tudo tem o seu lugar. Desde o primeiro momento que aqui entrei, há dois dias, soube que estava na casa de uma escritora.

\*

Quando voltou a Portugal para viver, não chegou de biquíni e não veio por causa do mar. Como sempre, eram os amigos que a prendiam a Lisboa.

\*

A Emilienne está sentada no pátio a arranjar as framboesas e groselhas — vermelhas como as rosas futuras da Isabel — que apanhou para o almoço. Eu e a Isabel observamo-la da mesa de jantar. Eu ponho o gravador junto da Isabel. É a primeira vez que o ligo. No último dia do meu fim-de-semana com a Isabel Meyrelles, tenho pela primeira vez a sensação de estar a «entrevistá-la».

\*

— O unicórnio...

— Ninguém podia tocar numa *licorne* porque ela não se deixava aproximar por ninguém. Era um animal tão puro que ninguém podia tocar nele excepto outro animal puro.

— O gato...

— Fico sempre muito admirada com os olhos deles. O que é que eles estão a ver? Eu estou convencida que eles vêem o invisível.

\*

A Isabel vestida de *smoking* de frigideira na mão. Um crepe Suzette a sair da manga para o prato dos clientes, que aplaudem. Desde a primeira noite do

Botequim, a Isabel exibiu o seu talento para a cozinha e a Natália Correia o talento para fazer sala. Acreditaram que poderiam ser uma dupla infalível.

Antes e depois da revolução, os capitães de Abril entravam e saíam pela porta de serviço.

\*

— O dragão...

— Se ele tem asas, devia ter asas tão imensas para levantar aquele corpanzil que era impossível, não era? Portanto, fiz aquele bicho rastejante, pensando que se ele se desdobrava, ia muito depressa. E depois fiz-lhe aquela cara e, quando acabei, achei: «Mas este é o meu retrato! Estou parecidíssima com este dragão.» E baptizei-o auto-retrato. E pus-lhe um cachimbo.

— O tigre...

— Para mim, é o animal mais belo do mundo. Ver um tigre a andar com aquela maneira que eles têm de pôr a pata.

A Isabel imita, com a mão sobre a mesa, o andar de um tigre.

Deslumbrante.

\*

A criada apareceu aos gritos: «Minha senhora, minha senhora, é a revolução, é a revolução!»

«Que revolução?», perguntou.

A criada não sabia dizer, tinha apenas ouvido na rádio que havia uma revolução.

Ela foi para a janela e assistiu à revolução do Alto da Graça.

\*

«Para mim, que sou muito crítica em relação à poesia dos outros, ainda devo ser mais crítica em relação à minha poesia. Portanto, se eu não gostava, deitava fora. Isto não é bom — paf! Não estou nada arrependida. Para que é que se vai publicar um livro mau?»

\*

Tinha estado muito perto — Rue de Savoie — do Maio de 68. Foi um mês em que fechou sempre as portas e as janelas para não chorar. Pelo vidro, via a nuvem lacrimogénia. Quando saía à rua, havia duas coisas a que prestar atenção: primeiro, nunca se esquecer dos papéis para mostrar quando fosse parada pela polícia; segundo, ter extrema atenção aos pedregulhos que caíam dos céus naqueles dias.

\*

Bate com os nós dos dedos na mesa:

«A escultura é uma coisa que tens a mão em cima, e estás a construí-la. Os poemas não sei de onde vêm. Tenho a impressão de que há alguém dentro da minha cabeça a dizer coisas. E fico muito ofendida.»

\*

No dia 25 de Abril de 1974, só saiu de casa directa para o Botequim. Quando chegou, um dos empregados anunciou-lhe que era do MRPP. Ela perguntou-lhe porquê. Ele respondeu que o MRPP ia dar a liberdade ao povo.

Quando se realizaram eleições, tantos partidos davam liberdade ao povo que ninguém sabia em quem votar.

\*

Sempre que entrevistei escritores, todas as perguntas gravitavam à volta de uma questão: Porque escreveu?

Como é que se pergunta: Porque não escreveu?

\*

Estava ainda em Portugal e tinha 46 anos quando escreveu:

Aujourd'hui  
nous sommes le 21 Janvier 1976,  
il est trois heures du matin  
et je suis peut-être en train d'écrire  
mon dernier poème.<sup>11</sup>

A partir daí, passou cada vez menos noites brancas.

\*

Um avião passa.

Preciso de rebobinar várias vezes: «Parece-me que nasci para ser escritora.»

O avião acaba de passar.

\*

Era uma felicidade abrir a janela e debruçar-se sobre o Sena. No apartamento ao pé da Place de L'Alma — a vista, como um cartão postal, incluía a Torre Eiffel — decidiu que não iria regressar a Portugal para viver. Nem depois de morta. E, quase 60 anos depois de ter chegado a Paris, pediu nacionalidade francesa. Como no primeiro dia, Paris ainda a comovia.

\*

Paris 2009. O Google dá mais resultados para «Isabel Meyrelles» e diz já que ela acabou de receber a condecoração de Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, pelo seu trabalho de divulgação da cultura portuguesa, com as muitas traduções de poesia portuguesa para francês.

Sentei-me no primeiro café com Internet. Volto a ligar o mundo. No Irão saiu-se à rua e morreram manifestantes.

Em Saint-Germain-des-Prés, fim de tarde, as lojas estão a fechar, há pouca gente na rua, mas na École des Beaux-Arts um grupo de estudantes brinda com vinho branco no grande pátio e sentem-se, como um dia a Isabel, no centro do mundo.

Na Pont des Arts, os turistas sentam-se no chão e apanham sol. Em frente, a Île-Saint-Louis — «Farei do silêncio / uma proa de barco / da tua ausência um rio / d'árvores afogadas» —: a proa do barco cheia de gente com os pés a balouçar perto da água.

Abro o livro que a Isabel me deu de presente quando nos despedimos — um exemplar da primeira edição do primeiro livro dela, *Em Voz Baixa* —, onde escreveu uma dedicatória: «Para a Susana, que me compreendeu tão bem, um abraço agradecido e amigo / da Isabel Meyrelles / Paris 2009».

Viro a página e descubro um desenho de Artur do Cruzeiro Seixas — um barco navega em águas onde se avistam tinteiros à deriva. A proa do barco confunde-se com a figura de uma mulher e na mão, ela segura uma caneta.

A citação de abertura é familiar: «O que só com as mãos pode ser soletrado / só nos teus olhos nos teus olhos escrito».

Tenho que rasgar as páginas para ler o primeiro poema:

[...]  
E, como sempre,  
penso: amanhã... talvez amanhã...  
e olho as tuas costas que se afastam  
como sempre.

Não tenho a certeza de que seja verdade o que a Isabel Meyrelles me escreveu, não tenho a certeza de a ter compreendido.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Isabel Meyrelles, *Poesia*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2004.
- <sup>2</sup> Mário Cesariny de Vasconcelos, *Manual de Prestidigitação*, Lisboa, Contraponto, 1956.
- <sup>3</sup> Ilustradora e aderecista de Teatro e Dança.
- <sup>4</sup> Fernanda de Castro, *Maria da Lua. História de Uma Casa*, Porto, Tavares Martins, 1945.
- <sup>5</sup> Mário Henrique Leiria, João Artur Silva e Artur do Cruzeiro Seixas, «Comunicado dos Surrealistas Portugueses», Abr. 1950. Isabel Meyrelles traduziu este texto em 1973 para a revista *Phases*, Paris, 2.<sup>a</sup> série, n.º 4.
- <sup>6</sup> António Maria Lisboa, Manifesto «Aviso a tempo por causa do Tempo», Jul. 1953.
- <sup>7</sup> Isabel Meyrelles, *Em Voz Baixa*, Lisboa, Tip. S. José, 1951, p. 11.
- <sup>8</sup> *Journal of Katherine Mansfield*, Londres, Persephone Books, 2006.
- <sup>9</sup> Isabel Meyrelles, «Le poème est-il une enzyme produite par l'insomnie?», *Le Livre du Tigre* [1976], in *Poesia*, ed. cit., p. 184.
- <sup>10</sup> Idem, «Génese XXII, 9-18», *ibid.*, p. 116, 118.
- <sup>11</sup> Idem, «Que muera conmigo el misterio...», *ibid.*, p. 156.